

LABcorpoÉTICO: acolhendo carências na formação de educadores e colhendo afecções

LAURA CAMPOS DAIBERT

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED/UESB

DRA. DANIELE FARIAS FREIRE RAIC

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

DR. FRANCIONE OLIVEIRA CARVALHO

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Resumo

Este estudo parte de uma dissertação de mestrado que objetiva discutir as maneiras que o laboratório performático, LABcorpoÉTICO: educação como inventividade, pode contribuir na potencialização das subjetivações de estudantes do curso de Pedagogia e outras licenciaturas da UESB, campus Jequié-BA. A pesquisa apoia-se na abordagem pós-qualitativa cuja perspectiva ontológica se afirma como constructo ao ato de pensar (Deleuze; Guattari, 2009) e como campo de afecções e percepções, artísticas e científicas. A metodologia inspira-se na sóciopoética (Adad; Viana, 2020; Gauthier, 2015), na cartografia (Hur, 2020; Passos; Kastrup; Escócia, 2020), na artografia (Irwin, 2019) e no esquizodrama (Hur, 2020), catalisado na produção de um método autoral em busca de uma corpografia plural em educação. Foram realizados encontros presenciais mapeando os sentidos produzidos pelos participantes acerca do corpo como arte na educação e na vida. As discussões aqui produzidas estão ancoradas em um híbrido teórico resultante de afecções e capturas desencadeadas através de diferentes intercessores, com destaque para Deleuze, Evaristo, Foucault, Guattari, Gallo, Mello, Nietzsche e Quijano. O LABcorpoÉTICO permite ao grupo estar imerso em processos artísticos tendo a centralidade no corpo como meio de criação e espaço potente para processos de singularização na atuação docente e na ressignificação da escrita de si, em movimentos autopoéticos, uma vez que este estudo sugere que a formação de educadores carece de uma abordagem artística e performática que auxilie gradualmente desmontar as engrenagens da docilização do poder disciplinar nos corpos de profissionais da educação como devir-educador(a) singularizador.

2320

Palavras-chave: Corpografia. Performance. *LABcorpoÉTICO*

Abstract

This study is based on a master's dissertation that aims to discuss the ways in which the performative laboratory, *LABcorpoÉTICO: education as inventiveness*, can contribute to the potentiation of subjectivations of students of Pedagogy course and others degrees at UESB, Jequié/Ba campus. The research is based on the post-qualitative approach whose ontological perspective is affirmed as a construct to the act of thinking (Deleuze; Guattari, 2009) and as a field of artistic and scientific affections and perceptions. The methodology is inspired by sociopoetics (Adad, Viana, 2020; Gauthier, 2015), in cartography (Hur, 2020; Steps, Kastrup, Scotland, 2020), in artography (Cosson; Irwin; Pina, 2004) and in schizodrama (Hur, 2020), catalyzed in the production of an authorial method in search of plural corpography (bodygraphy) in education. Face to face meetings were held mapping the meanings produced by the participants about the body as art in education and in life. The discussions produced here are anchored in a theoretical hybrid resulting from affections and captures triggered through different intercessors with emphasis on Deleuze, Evaristo, Foucault, Guattari, Gallo,

Mello, Nietzsche, Raic, Rolnik and Quijano. The LABcorpoÉTICO allows the group to be immersed in artistic processes, having the centrality in the body as a means of creation and a powerful space for processes of singularization in the teaching performance and in the resignification of the writing of the self, in autopoietic movements, since this study suggests that the training of educators lacks an artistic and performative approach that helps to gradually dismantle the gears of the docilization of disciplinary power in the bodies of education professionals as becoming-educator secularizing.

Keywords: Corpography; Performance; LABethicalbody

Introdução

Este trabalho objetiva apresentar as informações científicas e as criações artísticas resultantes da investigação acerca do processo de formação de educadores(as) cursando a disciplina Ludicidade – ofertada no curso de Pedagogia e a outras licenciaturas na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) de Jequié – pela composição de afecções, percepções e blocos de sensações (Deleuze; Guattari, 2010) da processualidade vivenciada no *LABcorpoÉTICO: educação como inventividade*. Tal laboratório artístico e performático engendrou na criação de um método como objeto de pesquisa no mestrado em educação realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UESB) na linha Formação, Linguagem, Memória e Processos de Subjetivação.

Acreditamos na relevância dessa pesquisa para fomentar na educação, pela arte e a filosofia da diferença, experiências formativas ontológicas como campos de afetações e fluxos intensivos, enquanto *autopoiesis* (Mello, 2020), a fim de problematizar e quiçá desestabilizar a engrenagem social e cultural da docilização (Foucault, 1999) potencializando os processos de singularização como dimensão formativa sensível e inventiva.

A criação deste objeto de pesquisa parte de contingências que nos mobilizam. Afecções que criam um campo de potência rizomático em ato de pensar e vivenciar a educação, básica à superior, seja como docente ou discente. Contingências as quais geram inquietações e críticas, a exemplo da banalização das violências, sejam elas sutis ou explícitas, e a inferiorização/apagamento do corpo nos processos de *ensinoaprendizagem*¹ nas instituições educacionais.

A presente pesquisa possui abordagem pós-qualitativa que “[...]baseia-se pelo menos no seguinte: uma *ontologia da imanência, empirismo transcendental* e um conceito particular de *conceito*” (St. Pierre, 2018, p. 1). No que se refere à metodologia tecemos uma criação

¹ Utilizamos a junção das palavras ensino e aprendizagem por entender que há neste processo um continuum que “[...]em devir cria a si mesmo,[...]incluindo aí o modo de pensar, sentir, perceber, agir[...].” (Mello, 2020, p. 23).

inspirada na cartografia (Hur, 2020; Passos; Kastrup; Escóssia, 2020) – afunilando para a a/r/t/ografia (Cosson; Irwin; Pina, 2004) –, no esquizodrama (Hur, 2020) e na *sóciopoética* (Adad; Viana, 2020).

Agenciamos a composição de uma paisagem investigativa no contexto da formação de educadores(as), na disciplina citada, objetivando conhecer os processos de subjetivação e singularização de seus estudantes pelo mapeamento de informações - coletadas por meio de formulário online - e expressões corporais performadas pelos(as) participantes no *LABcorpoÉTICO: educação como inventividade*, nosso método autoral. Os acontecimentos que se passaram nos encontros compuseram as linhas do nosso mapa cartográfico, assim como a criação de uma corpografia em educação, conceito que será explicitado adiante.

Para o desenvolvimento do campo foram aplicadas diversas dinâmicas corporais, do teatro e da dança contemporânea, processualidade que nos deu potentes fotografias, vídeos e desenhos que veremos a adiante. Obras que narram esta vivência rizomática e heterogênea que nos desterritorializou da imagem docilizadora da sala de aula a partir de carteiras enfileiradas a fluírmos nossas existências e formações por processos de subjetivação inventivos de campos de potência em que a corporeidade esteve em centralidade.

2322

Na imanência do vivido: mapeamento de afecções investigativas num continuum entre educação, filosofia da diferença e a arte da performance na criação da corpografia do *LABcorpoÉTICO: educação como inventividade*

Ressaltamos nosso entendimento acerca da formação de educadores(as) como multiplicidade e heterogeneidade. Processo de subjetivação que se constrói ao longo da vida sendo permeado por fatores sociais, econômicos, psicológicos e subjetivos, não apenas ao cursar uma graduação. Ao falarmos em processos de subjetivação consideramos que “Não é possível falar de subjetividade em geral nem de Sujeito Universal, mas somente de subjetividades práticas e sujeitos que se constituem na experiência social, em seus trajetos singulares na sua família, na escola, na rua, no seu corpo” (Miranda; Soares, 2008). Para Guattari e Rolnik (1996),

A subjetividade está em circuito nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo "se submete a subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização (p. 33).

Ao considerar que as experiências educacionais e sociais compõem o processo de subjetivação e singularização tais experiências também são permeadas pela banalização das violências, por exemplo agenciando processos de *ensino aprendizagem* disciplinares, culminando na docilização (Foucault, 1999) do comportamento, das subjetividades, das singularidades e da corporeidade de cada sujeito.

Na crítica à modernidade pensada por Foucault (1999) o corpo moderno imerso nas relações de poder deve se tornar dócil, reprodutivista e acostumar-se a ser violentado e não reagir. O que ainda tem seus reflexos na constituição do sujeito contemporâneo e parte das experiências educacionais. Nesta pesquisa, nos movimentamos em direção a problematizar práticas educacionais docilizadoras comumente reprodutivistas também por nós educadores(as) de diversas áreas de formação.

O processo de docilização e dominação da corporeidade está contido no nexo de estratégias colonial, diretamente relacionado às relações de poder. Segundo Quijano,

A ‘corporeidade’ é o nível decisivo das relações de poder. Porque o ‘corpo’ implica a ‘pessoa’, se se libertar o conceito de ‘corpo’ das implicações mistificadas do antigo ‘dualismo’ eurocêntrico, especialmente judaico-cristão (alma-corpo, psique-corpo, etc). E isso é o que torna possível a ‘naturalização’ de tais relações sociais. Na exploração, é o ‘corpo’ que é usado e consumido no trabalho e, na maior parte do mundo...É o corpo o implicado no castigo, na repressão (Quijano, 2009, p. 113).

Assim o sistema capitalístico² efetua a manutenção das tramas de opressões das relações de poder, pela docilização da corporeidade massificando-a pela colonialidade do poder (Quijano, 2009), assujeitando-nos à lógica colonial. Docilizamos assim como somos docilizados(as) perpetuando a lógica disciplinar patriarcal capitalística que sustenta práticas de colonialidade do saber como poder (Quijano, 2009) como forma de despotencializar o corpo e a corporeidade. A partir dessa problematização construímos o objeto-problema desta pesquisa criando um conjunto de propostas educativas e artísticas que visou provocar seus participantes, estudantes da disciplina Ludicidade, a habitarem seus corpos como existência plural e obra de arte, ressignificando a escrita de si, docilizada pelas relações de poder, recriando pela arte suas *autopoiesis*.

Aliamos o conceito *autopoiesis* (Mello, 2020) a outro corpo criador do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (2011) para o qual “[...]é precisamente o corpo, como condição mais

²O conceito capitalístico foi criado por Félix Guattari e Suely Rolnik (2014) em menção aos agenciamentos maquímicos do Estado Capitalista. Tal sistema cíclico passa por mutações e crises pelas quais, se reorganiza para continuar seu processo de super exploração e destruição da vida natural harmonicamente caótica dizimando culturas, territórios e grupos minoritários. Cooptando processos de subjetivação na direção de seus interesses por exemplo de alienação em massa do desejo que potencializa a existência e a criação de necessidades ligadas ao consumo excessivo de mercadorias como condição essencial à vida humana.

própria da existência, que Zaratustra apresenta como “uma multiplicidade com um único sentido” (Mello, 2020, p. 46), a criação. *Autopoiesis* (Mello, 2020) aliada ao corpo criador nos trás a apropriação de si como escrita autopoietica, o que fomentamos na formação de educadores pela arte no *LABcorpoÉTICO: educação como inventividade*. Segundo Mello,

A autopoiesis do corpo criador é pensada aqui como um caminho de experimentação criativa, considerado como o jogo da criação no qual os impulsos nascidos da potência vital do corpo afirmam prazer de tornar-se o que se é, sem reservas par com o sofrimento e para tudo que é problemático, estranho e questionável na existência (Mello, 2020, p. 46).

Perspectivamos o método do campo da pesquisa na direção de construir um conjunto de experiências/encontros, que chamamos de *LABcorpoÉTICO: educação como inventividade*, em que as(os) participantes da pesquisa vivenciaram seus corpos como *locus* de desdocolização e criação de potencialidades corporais e ontológicas. Usufruir do corpo como território de processos criativos e comunicacionais, fora do espectro da verbalização, foi uma potência proposta pela metodologia da pesquisa que se revelou vibrátil após a ida campo.

Nesse horizonte, entendemos o corpo como aquele que se compõe a partir das experiências vividas capaz de produzir saberes, sentidos e subjetivações ao produzir a si mesmo, o que o poeta e intelectual baiano Ivan Mello (2020) chama de *autopoiesis*.

Na criação da metodologia primamos conhecer perspectivas metodológicas inventivas então nos inspiração em componentes da cartografia (Hur, 2020; Passos; Kastrup; Escócia, 2020) - flertando como a a/r/t/ografia (Irwin, 2019) -, o esquizodrama (Hur, 2020) e a *sóciopoética* (Adad; Viana, 2020), culminando na criação do *LABcorpoÉTICO: educação como inventividade*.

A perspectiva cartográfica nos fascina por ser

Diferente do método da ciência moderna, a cartografia não isola o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente (Barros; Kastrup, 2020, p. 57).

Como um emaranhado de tensões, em movimentos pulsátei de aberturas, que constituem as linhas iniciais do mapa investigativo a medida que se revelam potências.

Já a a/r/t/ografia, surgiu como afluente da cartografia sugerida pela banda de qualificação, auxiliando-nos no mapeamento artístico no recorte de um fluxo já existente, a formação de educadores na disciplina de Ludicidade. Processualidade na qual entramos neste borbulhante território suscetível aos afetos e acontecimentos da experiência lidando com contingências, ideias, encontros, sentimentos e emoções desencadeadas ao longo do processo investigativo. Segundo Martins “[...]a/o a/r/tógrafo pode criar de maneira consciente,

fundamentada e ética o modo próprio de sua ação investigativa” (Martins, 2022, p. 25), assim fizemos ao criar e vivenciar o *LABcorpoÉTICO: educação como inventividade*.

Nos nutrimos também do esquizodrama como “atualização latino-americana de uma esquizoanálise decolonial” (Hur, 2020, p. 24) fertilizando o solo de criação do laboratório e no mapeamento do conceito corpografia performado na vivência de forma a “[...] trazer à tona as sensações, fluxos e potência corporais e de vida” (Hur, 2020, p. 24). Para Domenico Hur, o esquizodrama é um:

[...]conjunto de práticas, estratégias, táticas e ferramentas teóricas e técnicas que cartografam o funcionamento das máquinas sociais, concretas e abstratas, tomando como elementos constituintes as forças e os investimentos desejantes, seja nos espaços molares ou moleculares, para fomentar processos de vibração e transformação (Hur, 2020, p. 22).

Ao sistematizar poética e cientificamente a metodologia, ao mensurar o agenciamento de nossos dispositivos de produção de informações e criação de percepções, afecções e blocos de sensações (Deleuze; Guattari, 2011) visamos produzir com o grupo-pesquisador nossa *corpografia*. Um conceito que é um híbrido entre a palavra corpo e o conceito cartografia, o último contido no conceito do rizoma (Gallo, 2003) como um de seus princípios.

Segundo Gallo (2003), o conceito de rizoma foi apropriado da botânica por Deleuze e Guattari (1995) sendo basilar à filosofia da diferença. Perspectiva ontológica que movimenta nossa fundamentação teórica. Tal conceito possui seis princípios: conexão; heterogeneidade; multiplicidade; ruptura assignificante; cartografia; e decalcomania (Deleuze; Guattari, 1995a).

O primeiro princípio é a conexão, fazendo menção à natureza de conectividade multidirecional do ato de pensar, o qual é construído caoticamente e pode ser sistematizado por mapas alastrantes em que qualquer filamento pode se conectar a outra parte do emaranhado, em platôs como na imagem a seguir:

Figura 1 – *Rizoma*, 2023. Fotografia digital da artista Lohá Loreta³.

³ A mestra autora da pesquisa Laura Campos Daibert faz uso do pseudônimo artístico Lohá Loreta.



Fonte: Ateliê digital da artista.

Este princípio nos ajudou a desconstruir uma suposta hierarquia do conhecimento, nos deixando ver que as conexões que se dão no âmbito da imanência (Deleuze, 2002).

Já o princípio da heterogeneidade nos remete às infinitas possibilidades de conexões heterogêneas de elementos plurais, capazes de produções de elementos outros, diferindo-se em inumeráveis dimensões. O terceiro, da multiplicidade, rompe com a ideia clássica filosófica de unidade nos proporcionando criar, ressignificar, virtualizar e atualizar pelo ato de pensar. Filosofia como criação de conceitos (Deleuze; Guattari, 2010) não como contemplação ou reflexão, como postulado por Platão⁴, sim como exercício desterritorializando do ato de pensar fruto de violações causadas em nós por signos.

O quarto princípio se refere à ruptura assignificante, diz respeito à não presunção de processos de significação que “embora seja estratificado por linhas, sendo, assim, territorializado, organizado etc., está sempre sujeito às *linhas de fuga* que apontam para novas e insuspeitas direções” (Gallo, 2003, p. 94). O quinto é da cartografia. Importante para esta pesquisa por atestar a capacidade do rizoma estar sempre aberto, em mapas com filamentos

⁴ Platão em *A República* (2000) prega a filosofia como contemplação e reflexão, destinada a alguns poucos capazes de governar. Resumidamente o modelo clássico de Platão se tornou uma referência quase que inquestionável na filosofia ocidental postulando binarismos os quais minimizam à produção de conhecimento em territórios plurais e heterogêneos, tolindo a manifestação viva da ramificação dos saberes na polifonia de formas de existência. A dualidade filosófica refletida e contemplada por Platão enxerga o mundo em dois polos/faces o mundo das essências/inteligível – tido como ideal das formas puras e perfeitas – e o mundo das aparências/sensível – ligado às cópias e ao simulacro sendo o último, a cópia, mais imperfeita por guardar poucas semelhanças com o modelo original/essência que estaria no mundo inteligível.

rizomáticos infinitos. Cujas entradas podem ser acessadas de múltiplos pontos do alastramento infinito.

O último princípio do rizoma é a decalcomania, em que os mapas cartografados podem ser reproduzidos havendo a nova possibilidade de “[...]colocar o mapa sobre as cópias...possibilitando o surgimento de novos territórios, novas multiplicidades. A árvore paralisa, copia, torna estático; o rizoma degenera, faz florescer, desmancha, prolifera” (Gallo, 2003, p. 95).

Deleuze utiliza a metáfora da imagem do pensamento ao abordar a filosofia clássica como uma árvore que tem em seu nexos a hierarquia e a reprodução de dogmas paralisante do ato criador. Já o rizoma, na filosofia da diferença, é uma perspectiva plural e inventiva do ato de pensar em total liberdade, alastrando-se na trama de afecções infinitas. Não se controla o ato de pensar rizomático se contagia por suas potências criadoras de virtualizações e atualizações.

Nessa perspectiva não há hierarquia conceitual ou binarismos na construção do saber/conhecimento, há inventividade prenas de devires. Segundo Raic (2020, p. 98): “Devir é atualizar-se, mas nunca chega a ser. Por isso não se confunde com estado final ou de equilíbrio. O devir afirma o devir, porque não há nada na natureza fora dele; é um acontecimento produzido a partir dos encontros”.

2327

Em *Diferença e Repetição* (2018) e *Proust e os signos* (2022), Deleuze demonstra a perspectiva de que o ato de pensar, fruto de arrombamentos que sofremos gerando em nós deslocamentos que podem nos tirar do senso comum rumo a zonas intensas mais profundas como exercício potencializador da filosofia. Acreditamos que há na filosofia da diferença uma atraente ação disruptiva que, entre tantas desconstruções, mobiliza libertar a criação filosófica lançando-nos ao por vir, em movimento cartográfico de aberturas inventivas.

A filosofia da diferença criada por Deleuze e Guattari entende arte como geradora de afecções, percepções e blocos de sensações (Deleuze; Guattari, 2010), o que é fundamental para a construção conceitual perspectivada neste estudo. Estivemos no campo à espreita de conexões heterogêneas no desenho do nosso mapa investigativo, assim como o rizoma que se alastra em sua conjunção (e...e...e...) (Deleuze; Guattari, 1995a). Nessa direção Raic (2020, p. 62) nos diz que “O exercício é capturar os movimentos que acontecem em e...e...e..., afinal, como nos dizem Deleuze e Guattari, “o rizoma tem como tecido a conjunção e...e...e...”. Há nessa conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser”

Outro eixo poético do nosso método autoral foi a utilização da performance como linguagem artística na produção da corpografia potencializando nosso território investigativo a ressignificar pela corporeidade a escrita autopoietica. Pela perspectiva do corpo performático desterritorializamos a relação cotidiana e utilitária dos(as) participantes com seus corpos os/as provocando a habitarem este como obra de arte singular, estética e política por um conjunto de dinâmicas/performances contemporâneas da dança, do teatro e das artes visuais em produção de corporeidade de si. Assim mapeamos as maneiras pelas quais o laboratório pôde contribuir na potencialização das subjetivações e singularizações do grupo-pesquisador (Adad; Viana, 2020).

À conceituação de corpo, que subsidia nosso corpografia como *escrita autopoietica* singularizante e devir-coletividade no contexto da educação, trazemos a perspectiva de Nietzsche (2011) para quem o “O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade.” (Nietzsche, 2011, p. 32). Nesta direção mapeamos no grupo os sentidos produzidos para o corpo, conhecemos o entendimento de arte e corpo e problematizamos a docilização (Foucault, 1999) das subjetivações que perpassa a vida social e a educação como experiência constituidora do ser em devir e seus desdobramentos na formação humana e na atuação pedagógica.

2328

O campo foi composto por dois encontros com intervalo quinzenal entre eles com duração de 160 minutos cada. Após o primeiro encontro presencial em Jequié, no qual convidamos a turma composta por trinta estudantes a participar da pesquisa, foi enviado aos e às participantes um e-mail com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento, o documento de direito de uso de imagem – já que em decisão consentida por todos(as) participantes no segundo encontro contaríamos com a presença do fotógrafo Alex Oliveira, que capturou lindos ângulos da experiência. Participaram da pesquisa quinze estudantes de Pedagogia e Educação Física. A seguir algumas imagens de um dos encontros:

Figura 2 – Dinâmica corporal mediada pela mestra Laura no *LABcorpoÉTICO: educação como inventividade*, 2023. Crédito de imagem: Alex Oliveira



Fonte: Ateliê digital do coletivo

Figura 3 – Dinâmica corporal mediada pela mestra Laura LABcorpoÉTICO: *educação como inventividade*, 2023. Crédito de imagem: Alex Oliveira.



Fonte: Ateliê digital do coletivo

Segundo informações geradas pelo formulário online, criado pela plataforma do *google forms* como parte da metodologia de produção de informações, tivemos acesso à composição étnico-racial do grupo-pesquisador formado por uma autodeclaração em que 60% se reconhecem como pardas(os), 33,3% como negras(os) e 6,7% brancas(os). A partir da autodeclaração 93,3% do grupo-pesquisador é composto por pessoas negras e pardas, daí emergiu o diálogo com o conceito *escrevivência* de Conceição Evaristo (2017).

Escrevivência (Evaristo, 2017) e escrita *autopoiéticas* interseccionadas por um conjunto de vivências impostas pelo meio social, econômico e cultural, que violentam historicamente pessoas negras pela prática do racismo. O conceito *escrevivência* (Evaristo, 2017) *perpassa* pela vivência compulsória do racismo que consome pessoas negras. Evaristo nos diz “[...]busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de *Becos* está uma *escrevivência*, que foi minha e dos meus” (Evaristo, 2017, p. 12).

Das(os) participante que compuseram o *LABcorpoÉTICO: educação como inventividade* poucos(as/es) verbalizaram as formas que o racismo os/as atravessou em suas experiências educacionais como discentes da educação básica. Foi perceptível o clima de tensão que se instalou ao compartilharem os relatos de tais violências. Alguns(mas) nos contaram que sofreram racismo pela textura de seus cabelos e pelo fenótipo da beleza negra sempre desvalorizados, assim como houve relato de gordofobia com uma mulher negra participante do grupo-pesquisador.

Com a autodeclaração surge o debate étnico-racial visto que, a pesquisa dá centralidade ao corpo e a corporeidade como base da escrita *autopoiética*. Para Quijano,

Hoje, a luta contra a exploração/dominação implica, sem dúvida, em primeiro lugar, o engajamento na luta pela destruição da colonialidade do poder, não só para terminar com o racismo, mas pela sua condição de eixo articulador do padrão universal do capitalismo, por ser hoje a trama viva de todas as formas históricas de exploração, dominação, discriminação, materiais e intersubjetivas. O lugar central da ‘corporeidade’ neste plano leva à necessidade de pensar, de repensar, vias específicas para a sua libertação[...] (Quijano, 2009, p. 114).

Nesta perspectiva de repensar as práticas educativas, por uma via disruptiva, criamos os encontros do *LABcorpoÉTICO: educação como inventividade* como tentativa de fertilizar experiências educacionais ontológicas que atuem nas fronteiras. No fluxo das vivências fomos nos alimentando dos fatores que emergiam no campo, a exemplo dos relatos de racismo e as marchas que isso gera.

Os diálogos que fluíram nos encontros foram mediados de forma política, artística e performática reconhecendo as violências sociais que constituem a sociedade capitalística e juntos tecemos perspectivas que auxiliem nossas práticas docente a lidar com os desafios inerentes aos processos educativos. De forma que nos compúnhamos a não perpetuarmos posicionamentos racistas ou bullyings que docilizam subjetivações, degradam singularizações e destroem a autoestimas.

O dispositivo do formulário nos auxiliou na coleta e sistematização de diversas informações a exemplo do entendimento do grupo-pesquisador acerca de arte e corpo na vida e na educação além de nos amparar no mapeamento das experiências vivenciadas pelos(as) participantes envolvendo arte, educação e corpo. Informando-nos também dados como idade, nome, criação de pseudônimo (para terem sua identificação preservada em citações na dissertação), área de formação, vivência de racismo e bullying.

Narrativas que inevitavelmente perpassam pelo debate étnico racial visto que, na autodeclaração do grupo tivemos a centralidade da corporeidade se manifestando também pela questão da raça influenciando diretamente no processo de singularização e subjetivação. O grupo foi majoritariamente composto por mulheres pardas o que nos trouxe debates em ato de pensar a possibilidade da escrita de si, *autopoiesis*, diretamente ferida pelo racismo e pela sobrecarga na mulher, especialmente a mulher negra e parda.

Outro ponto importante mapeado da pesquisa pelo formulário foi o entendimento/conhecimento de arte do grupo-pesquisador. Trazemos alguns:

A arte é uma linguagem singular, eu diria singularidades, pois são diversas as formas de expressão, nosso corpo é arte, ele é instrumento (Jubarte, pseudônimo criado pelo(a) participante).

A arte é uma manifestação da vida, estritamente relacionada ao sensível, aos encontros, aos afetos e à ludicidade. A arte é intrínseca aos encontros, aos afetos e à ludicidade. A arte é intrínseca à natureza humana, embora nem todos compartilhem dessa visão. Ela não se restringe apenas às obras valiosas e deslumbrantes que encontramos em museus ou que recebem reconhecimento público. Frequentemente, a arte está presente em lugares inesperados, como num desenho abstrato criado por uma criança, que muitas vezes é desencorajada a continuar. A arte se manifesta em uma fotografia casual tirada durante uma viagem, em um ninho de pássaro, nas diversas cores de uma borboleta, no salto de uma baleia, na poesia do rap, na pintura corporal indígena e em inúmeros outros aspectos do nosso cotidiano. Sobretudo, acredito que a arte está ligada a sensibilidade daquele que a perceber (Resistência, pseudônimo criado pelo(a) participante).

O corpo permite expressar sentimento, ações, momentos, opiniões. O corpo é político (Rosa, pseudônimo criado pelo(a) participante).

Assim como o corpo, a arte é movimento. Fluxos de experiências e de encontros (Lírio Branco, pseudônimo criado pelo(a) participante).

Nos surpreendemos com a heterogeneidade de respostas e níveis de conhecimento.

Para criar um canal de comunicação referente à pesquisa foi criado um grupo de whatsapp também para marcarmos a possibilidade de mais um encontro online. Devido ao excesso de atividades acadêmicas e na vida pessoal, já que os/as estudantes estavam em final de período e estagiando, não conseguiram conciliar as demandas do coletivo e marcar mais um encontro mesmo que virtualmente, nos revelando que a possibilidade online não funcionou. O que nos indica que o vínculo presencial teve maior êxito, especialmente se tratando de uma pesquisa corpográfica, por ser uma vivência que requer o envolvimento ativo da corporeidade artística, estética e política. Mas, como os encontros presenciais tiveram uma duração longa, 160 minutos cada, a possibilidade de mais um encontro online não prejudicou a pesquisa já que muito material havia sido produzido.

Considerações Finais

Vemos experiências como esta como forma de desmontar gradualmente as engrenagens da docilização do poder disciplinar nos corpos de profissionais da educação, o que pode gerar reflexos também no processo de singularização. Buscamos mediar/propor perspectivas educativas trazendo novos movimentos disruptivos e inventivos aos processos de *ensinoaprendizagem* ao fomentar a criação de experiências que reintegrem a fragmentação descartiana corpo e mente por um continuum de criações da corporeidade em subjetivação e singularização pela arte e filosofia, na perspectiva da filosofia da diferença.

Acreditamos que pela arte da performance interdisciplinar dinamizamos a corporeidade pelo agenciamento de uma escrita de si, autopoietica, habitando o corpo como território fértil e mobilizando fluxos intensivos em existências potencializadas de forma a adubar o corpo a viver o processo de desdocilização, de forma que possamos reinventar as experiências docentes e discentes nos processos de *ensinoaprendizagem* como campos de potência e acontecimentos artísticos, visitando memórias e acolhendo uma prática pedagógica pela qual construamos vias mais lúdicas e fluidas, fora da lógica disciplinar arraigada na educação institucional.

A vivência do *LABcorpoÉTICO: educação como inventividade* nos demonstrou a potencialidade da arte na sutura de fendas e fragilidades no processo de formação de educadores(as), nos deixando ver a necessidade de fomentar o uso de diversas linguagens artísticas na formação destes profissionais pelo fortalecimento de seus corpos enquanto obra de arte (Nietzsche, *ano*) seja ao viverem a vida social e pessoal, ao lecionem ou como discentes, o que vemos de forma interligado na composição do processo de singularização e

subjetivação, já que defendemos que não há uma separação do ser em devir ao atuar como professor(a), gestor(a), coordenador(a) e seu processo de subjetivação.

Perante a adesão de 50% da turma e observado o grande envolvimento dos(as) estudantes participantes da pesquisa com a proposta do *LABcorpoÉTICO: educação como inventividade* acreditamos que a formação de educadores(as) precisa fomentar a vivência de mais processos artísticos e científicos que nos proporcionem conhecer as corpografias dos grupos que veem se formando para constituírem a educação e ocuparem as salas de aulas e as áreas de gestão escolar. Não para controlar as subjetivações em curso, como faz o poder disciplinar convergindo com o nexos docilizante capitalístico, mas, sim, para conhecer e ouvir as demandas dos(as) educadores(as) e melhor auxiliá-los nas carências, despotencializações e fomentar as suas potências, melhorando a qualidade da educação, especialmente pública tão sucateada no neoliberalismo.

Um corpo que cria e pulsa de forma vibrátil despressurizando fluxos intensivos de sentimentos e emoções se instrumentaliza para devir autopoiesis (Mello, 2020) como um *continuum* potente. Processo gradual dentro de uma perspectiva saudável e conectado com seus desejos e se autorregulando, o que pode ser feito pela vivência da arte. Com ética e inventividade podemos fecundar de sentidos sinestésicos e artísticos nossas práticas educativas pela sementeira do afeto e da ética no sentido de *ethos* “[...] um comportamento atitudinal de quem faz qualquer coisa com arte” (Raic, 2020 p. 41), nesta perspectiva criamos e vivenciamos o *LABcorpoÉTICO: a educação como inventividade*.

2333

Referências

ADAD, S. J. H. C.; VIANA, P. F. S. **A Sociopoética como inovação metodológica na pesquisa em saúde bucal coletiva, com jovens em formação**. Fortaleza: EdUECE, 2020. 186 p.

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartogarfar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020. p. 52-75.

COSSON, A.; IRWIN, R.; PINA, W. **A/R/Tography: Rendering Self Through Arts-Based Living Inquiry**. Editora Pacific Educational Press, 2004. 224 p.

DELEUZE, G. A Imanência: uma vida... **Revista Educação & Realidade**, v. 27, n. 2, p. 10-18, jul/dez. 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/issue/view/1574/376>. Acesso em: 05 abr. 2023.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. 420 p.

DELEUZE, G. **Proust e os signos**. Tradução Roberto Machado. São Paulo: Editora 34, 2022. 176 p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v. 1. Tradução Ana Lucia de Oliveira, Aurelio G. Neto e Célia P. Costa. São Paulo: Editora 34, 1995. 127 p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. 272 p.

EVARISTO, C. **Memórias do Beco**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018. 162 p.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Tradução Raquel Ramallete. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 348 p.

GALLO, S. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 120 p.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996. 324 p.

HUR, D. U. **Esquizoanálise e Esquizodrama: clínica e política**. Campinas: Alínea, 2022. 206 p.

MARTINS, M. C. F. D. Rita Irwin: A A/R/Tografia e a potência de encontros educativos como práticas artísticas. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 17-28, jul./dez. 2022. Disponível em:
<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/15338/11621> Acesso em: 16. nov. 2023.

MELLO, I. M. **Corpoema: a vida como obra de arte**. Curitiba: Appris, 2020. 269 p.

NIETZSCHE, F. **Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 351 p.

PLATÃO. **A República: ou sobre a Justiça. Gênero Político**. Tradução Carlos A. Nunes. 3. ed. Belém: Editora Universitária EDUFPA, 2000. 249 p.

RAIC, D. F. F. **O pedagogo-bricoleur: diferenças nas tramas da pedagogicidade**. Curitiba: Appris, 2020. 175 p.

ST PIERRE, E. A. Investigação Pós Qualitativa em uma Ontologia de Imanência. Sage Journals, Qualitative Inquiry, vol. 25, jan. 2019, p. 3-16. Disponível em:
<https://journals.sagepub.com/doi/epub/10.1177/1077800418772634>. Acesso em: 12 dez. 2023.

ST PIERRE, E. A. **Uma história breve e pessoal da pesquisa pós-qualitativa: em direção à pós-investigação**. 2018. Disponível em:

<https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/12475>. Acesso em: 17 ago. 2023.

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder e Classificação Social. *In*: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almeida, 2009. p. 73-117.



Autora 1: Laura Campos Daibert
Mestra em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/ UESB), bolsista CAPES, e integrante dos grupos de pesquisa GEFORPPPEC/NUFORDICC (UESB) e Fiare (UFBA).
Email: docencia.interdisciplinar@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4241555269779677>
Orcid:000-0001-5233-0763



Autora 2: Daniele Farias Freire Raic
Pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) é docente na UESB no Departamento de Ciências Humanas (DCHL). Investiga currículo, formação e processos de subjetivação.
Email: danielefreire.uesb@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4533758377131599>
Orcid:000-0002-1137-736X

2335



Autor 3: Francione Oliveira Carvalho. Doutor em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2011) é docente na UFJF na Faculdade de Educação (FACED) atuando nas Licenciaturas de Artes Visuais e Pedagogia.
Email: francioneoliveiracarvalho@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6262224578426097>
Orcid:000-0001-7511-5708